



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

INTERCULTURALIDADE INDÍGENA NO CURSO DE JORNALISMO DA UNEMAT: DO ENSINO À EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Antonia Alves Pereira¹; antoniaalves@unemat.br

Lawrenberg Advíncula da Silva²; lawrenberg@unemat.br

Rosana Alves de Oliveira³; rosana.alves@unemat.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta a experiência intercultural indígena que é desenvolvida no Curso de Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), no âmbito de ações e iniciativas de ensino, da extensão e da pesquisa. Neste recorte, busca-se identificar as atividades desempenhadas por docentes e discentes do curso nos territórios do povo Haliti-Paresi, nos municípios de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis, e na Faculdade Indígena Intercultural da instituição, que recebe nas férias escolares os professores da Educação Escolar Indígena de 42 etnias nos cursos de graduação e pós-graduação. Uma das hipóteses é que essas práticas interculturais sugerem parâmetros curriculares mais inclusivos no ensino superior de Jornalismo no Brasil, em se tratando dos povos indígenas. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa de base interpretativa e orientada pelo método da sistematização de experiências, proposto por Oscar Jara (2006).

PALAVRAS-CHAVE

Curso de Jornalismo. Territórios Indígenas. Interculturalidade. Ensino. Extensão universitária.

1. INTRODUÇÃO

O relato em tela contextualiza como o curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat vem estabelecendo relações com a interculturalidade indígena por meio da indissociável relação entre ensino, pesquisa e extensão em ações vinculadas à Faculdade Indígena Intercultural – Faindi, que recebe professores da Educação Escolar Indígena nos períodos de férias escolares para seus cursos específicos, e a iniciativas do próprio curso em territórios do Povo Haliti-Paresi, em Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis.

¹Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora adjunta da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e da Linguagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (Facsal/Unemat).

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Uerj. Professor adjunto da Facsal/Unemat.

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Uerj. Professora adjunta da Facsal/Unemat.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Desde quando o curso de Jornalismo migrou para o Câmpus Universitário de Tangará da Serra, em 2017, registra-se um maior comprometimento do seu corpo docente para com ações e atividades de interculturalidade indígena. Isto é uma forma de atender às recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais no que se refere à contribuição com o desenvolvimento local e regional, bem como aos apelos das diretrizes extensionistas para que os cursos cooperem para a resolução dos dilemas sociais (Brasil, 2013; 2018). Trata-se de uma perspectiva que mobiliza os professores que propõem projetos de extensão e de pesquisa, além de ações que ampliam as práticas pedagógico-comunicacionais de disciplinas, levando os estudantes a processos de imersão, como veremos no próximo tópico.

Distante a 77 km do Câmpus Universitário de Barra do Bugres que abriga a Faindí, os autores já atuaram/atua com estudantes indígenas nas licenciaturas Intercultural Indígena (habilitações em Ciências Sociais; Ciências Matemáticas e da Natureza; e Línguas, Artes e Literatura) e Pedagogia Intercultural, nas disciplinas de *Leitura e Produção de Texto*, e de *Introdução à Informática e Tecnologias da Informação e Comunicação*. Como professores-titulares, atuam com os professores-auxiliares, egressos dessa faculdade, nas trocas interculturais e dialógicas.

Nos próximos tópicos, o trabalho aborda de modo mais detalhado e elucidativo essas experiências pedagógicas interculturais indígenas do curso de Jornalismo da Unemat, com uma abordagem qualitativa de base interpretativa e orientada conforme o método de sistematização de experiências proposto por Oscar Jara (2006). Foram selecionadas três experiências pedagógicas distintas: 1) Imersão de estudantes não-indígenas do curso em comunidades indígenas como atividade de prática de vivência e comunicação interculturais (e de campo); 2) Docência intercultural de professores do curso em licenciaturas da Faindí; e 3) ações de práticas pedagógico-comunicacionais voltadas para a pesquisa e à extensão.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



2. METODOLOGIA

Este relato de experiência utiliza a sistematização de experiências (Jara, 2006), como forma de resgatar as experiências vivenciadas e comunicá-las articuladas ao referencial teórico-metodológico intercultural e jornalístico. O método é composto por cinco etapas: 1) ponto de partida (ter participado da experiência; acessar registros) - relatado por meio de uma escrita colaborativa; 2) perguntas iniciais (para que queremos sistematizar? Que experiências queremos sistematizar? Quais aspectos nos interessam?) - o registro de três grupos de experiências; 3) recuperação do processo (reconstruir a história; ordenar e classificar as informações) - revelado nas atividades de sensibilidade, abertura e dialogicidade intercultural dos autores e de possibilidades futuras para o corpo docente do curso; 4) reflexão de fundo (analisar, sintetizar e interpretar criticamente) - os professores-pesquisadores-extensionistas olharam para suas vivências, narrativas e interações; 5) pontos de chegada (formular as conclusões; comunicar as aprendizagens) - foi uma oportunidade de elaborar essas formulações, conclusões e comunicação das aprendizagens do processo vivenciado.

3. INTERCULTURALIDADE INDÍGENA

A interculturalidade vivenciada na perspectiva do Bem-Viver (Acosta, 2016) e da decolonialidade do poder (Walsh, 2019) possibilita observar as relações de saber e de poder pelo conceito de giro multiterritorial decolonial (Haesbaert, 2021), isto é, pelas relações que perpassam os múltiplos territórios indígenas em Mato Grosso. Essa sensibilidade nos possibilita olhar para a responsabilidade social do jornalismo no âmbito indígena, pelos conceitos de etnocomunicação e de etnojornalismo que utilizam a comunicação como uma flecha contra a comunicação hegemônica.

Com suas mídias alternativas, os povos se tornam interlocutores dos interesses e de suas necessidades frente à comunicação hegemônica como etnocomunicação (Antunes, 2024). Com modos distintos de produção, expressão e distribuição dos



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



padrões dos meios de comunicação convencionais e dos setores dominantes, o etnojornalismo se apresenta como um jornalismo alternativo, popular e comunitário, elaborado de forma participativa e democrática, possibilitando a ampliação da voz dos membros da comunidade (Kaseker, 2019, p. 43).

Com esse repertório, os professores-pesquisadores-autores consideram tanto as diretrizes curriculares e extensionistas (Brasil, 2013, 2018) quanto a Agenda 2030 para a proposição de suas ações, de maneira especial dois dos objetivos de desenvolvimento sustentável – ODS, a saber: a educação de qualidade (ODS 4) e os povos originários e comunidades tradicionais (ODS 20), conforme Cabral e Ghre (2020).

3.1 O tempo ancestral e o tempo contemporâneo

A principal dificuldade sentida pelos professores durante sua experiência nos cursos interculturais da Faindi foi o tempo. Ao contrário do frenesi das redações que perpassa o ensino de jornalismo, as atividades pensadas para a semana modular das disciplinas precisaram ser redimensionadas, visto que a maior dos estudantes é falante de sua língua materna, sendo a língua portuguesa uma segunda língua.

Leituras e Produção e Texto: Oralidade e Escrita I e II, ministradas pelas professoras Antonia, Nilce Maria da Silva e Maria Sírnia Rupe na Pedagogia, em 2023 e 2024, foram objeto de relato de experiência na série Povos originários e comunidades tradicionais – volume 13 (Baptaglin *et al.*, 2024). A disciplina foi organizada a partir da compreensão dos “textos que circulam na aldeia”, numa proposta de diálogo que considerou o aspecto temporal dos textos orais, histórias em quadrinhos, poesia/poema, pintura e artes, música, cinema e redes sociais.

Ministrada por Lawrenberg e Miriam Turi Rondon, da etnia Terena, a referida disciplina para o Curso Intercultural Indígena buscou apresentar distintas formas e



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



formatos de texto (escrito, digitado, visual, oral, audiovisual) com aulas dialogadas⁴ e centradas na experiência textual de cada estudante com a sua língua materna e a língua portuguesa. Ao longo da disciplina ministrada no período de 06 e 11 de novembro de 2023, estudantes indígenas de 23 etnias desenvolveram textos descritivos, narrativos e dissertativos sobre situações do cotidiano de suas comunidades, para depois apresentarem em grupos de quatro a cinco integrantes, em seminário.

Situações semelhantes foram observadas na disciplina *Introdução à Informática e Tecnologias da Informação e Comunicação*, ministrada pelas professoras Antonia, Rosana e Wamen Kalapalo Negarotê. Mesmo utilizando os celulares e as redes sociais, a educação midiática é um desafio constante que necessita de leitura crítica.

Como uma experiência profundamente formativa, tanto no âmbito profissional, quanto humano, a disciplina foi construída com o objetivo⁵ de promover a apropriação dos recursos tecnológicos para fins acadêmicos e profissionais, além de refletir sobre as implicações pedagógicas destes usos por meio de abordagem didático-metodológica flexível, dialógica e contextualizada, pensada de maneira intencional e intercultural. Isto foi necessário para compreender os diferentes níveis de familiaridade da turma com as tecnologias digitais, visto que o curso reúne estudantes de diversas etnias, com trajetórias educacionais distintas e realidades socioterritoriais de acesso à internet e a equipamentos tecnológicos, igualmente particulares.

Nessa perspectiva, a principal abordagem pedagógica buscou incentivar os acadêmicos a utilizarem as tecnologias digitais para registrar, sistematizar e socializar

⁴ As aulas dialogadas foram desenvolvidas em sala e nos espaços abertos da escola rural da Faindi, explorando o intercâmbio de experiências, a leitura e a análise dos mais diversos textos (oficial e jurídico, acadêmico, jornalístico, poético), a escrita e a sua aplicação social (e política) no cotidiano da comunidade indígena.

⁵ Os objetivos da disciplina foram pensados como convivência entre culturas e diálogo horizontal entre diferentes sistemas de conhecimento. Ao não se restringir ao domínio técnico de ferramentas digitais, a turma percebeu que a concepção pedagógica visa compreender a tecnologia como meio de fortalecimento identitário, produção de conhecimento próprio e exercício de autonomia cultural.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



práticas culturais, narrativas orais, línguas maternas e modos próprios de ensinar e aprender. Como culminância, o estudante entregou ao final na etapa intermediária, quando eles retornam para a aldeia, um portfólio com algumas atividades, dentre elas, a identificação de objetos tecnológicos ou aqueles que viabilizaram ou viabilizam a comunicação no território. Fotografaram e refletiram sobre a presença do orelhão, do rádio amador, dentre outros objetos, como tecnologias indígenas em interlocução com as tecnologias não-indígenas.

Nestas experiências relatadas, os professores de jornalismo atuaram na sala de aula com professores dos Povos Chiquitano, Negarotê e Terena, numa proposta de vivência intercultural que considerou o tempo indígena desde o planejamento. Essas experiências ampliaram a compreensão sobre a educação, a interculturalidade e a tecnologia. Mais do que ensinar ferramentas digitais ou aspectos da língua portuguesa, as disciplinas foram espaço de diálogo para saberes tradicionais e contemporâneos.

3.2 A imersão em comunidades indígenas

Proposta como atividade prática (de campo) no curso de Jornalismo desde o ano de 2019, a imersão intercultural em comunidades indígenas constitui uma abordagem pedagógica realizada mais enfaticamente com as turmas iniciais (do primeiro ao terceiro períodos). No seu desenvolvimento inicial, o acadêmico passava a ter acesso a outras vivências, com o objetivo de verificar em que medida as leituras e discussões em sala de aula podiam suscitar em uma “observação” mais densa de personagens, lugares e realidades, geralmente ignorados da cobertura realizada pela imprensa mais tradicional do Brasil. Ainda que superficialmente, esses acadêmicos eram provocados a realizar reconhecimento, buscar interação, fazer o registro e depois o relato; deste modo, desempenhando todos os procedimentos necessários para uma boa pesquisa de campo de caráter etnográfico.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Intitulada “[Jornalismo na aldeia](#)”, a primeira atividade de imersão no curso foi realizada na comunidade indígena do rio Formoso, etnia Haliti-Paresi, em junho de 2019, foi noticiada pelo jornal Diário da Serra. Nessa atividade, houve a participação de 45 estudantes, dois professores, numa articulação entre as turmas das disciplinas de Antropologia e Comunicação (nomenclatura anterior de Comunicação e Cultura), ministrada por Lawrenberg, e Linguagem Fotográfica, ministrada pelo professor Iuri Gomes. Além de fomentar o intercâmbio de saberes e vivências entre acadêmicos e os moradores indígenas, houve a produção de ensaios fotográficos e videodocumentário.

As atividades de imersão no curso são realizadas semestralmente, geralmente no último mês de aulas do calendário letivo da Unemat. Trata-se de atividades que acabam exigindo um planejamento pedagógico por parte de professores que envolve o domínio de diferentes habilidades, competências e metodologias de trabalho coletivo⁶.

Ao todo, já foram realizadas a imersão em cinco comunidades, situadas entre os municípios de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis: comunidade do Rio Formoso, Wazare, Salto Belo, Salto da Mulher e Rio Sacre. Em todas essas atividades,

⁶ Primeiramente, o/a docente precisa apresentar um conhecimento mínimo da cultura indígena (língua, etnias, costumes, ritos/rituais) e da comunidade a ser visitada (etnia, perfil dos moradores, relação da comunidade com pessoas não-indígenas, distância da cidade). Depois, é necessário que haja o contato com os membros da comunidade indígena por parte do professor, até para que seja possível fazer um reconhecimento do trajeto à comunidade indígena com uma antecedência mínima de 60 a 70 dias antes da atividade. Sendo que o conhecimento da comunidade e do seu guia, representado por uma liderança da comunidade indígena: são fundamentais para que se desenvolva a mobilização dos estudantes, a divulgação das informações da atividade para a melhor organização dos estudantes, a elaboração de um bom planejamento logístico do trajeto e o monitoramento de toda a atividade (desde o embarque ao desembarque). Afinal, são com as informações detalhadas sobre o perfil comunitário da comunidade que o professor ou a professora consegue providenciar o transporte (a data e o melhor horário e local para embarque / desembarque), a segurança (a relação de termos de responsabilidade, seguros), a alimentação (tipo de comida e de bebida a ser transportada) e a boa comunicação de informações pontuais da atividade (divulgação da data e dos horários da atividade, do perfil das entrevistas e dos entrevistados/as, do custo do pedágio de acesso à comunidade, do custo estimado pelo guia cultural, objetos permitidos e proibidos na atividade, as regras do veículo de transporte).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



havia uma preocupação em fomentar a vivência intercultural dos estudantes de Jornalismo em duas etapas: 1) interação mais global⁷ e 2) interação mais contextual⁸.

Ao final de cada atividade de imersão, professor, estudantes e moradores da comunidade dialogam numa roda de conversa, fazendo um balanço das experiências interculturais. Esta dinâmica denominada por “ciranda cultural”, apresenta uma base nas reflexões pedagógicas sobre relações interculturais que foi proposta pelo filósofo peruano Fidel Tubino. Conforme Tubino (2005), na educação intercultural deve haver o fomento de situações de solidariedades diferentes – sem questionamento das assimetrias sociais e culturais dos envolvidos. Situações em que os envolvidos aprendam a estabelecer o diálogo como uma arte de negociação das diferenças culturais.

3.3 Educom.Indígena e Educom.Socioambiental

Desde 2024, o projeto de extensão [Educom.Indígena](#) é desenvolvido com uma equipe de 40 estudantes – 10 do curso de Jornalismo e 30 dos cursos interculturais, renovado anualmente, com um enfoque diferenciado – trocas de saberes em múltiplos territórios; da educação ambiental à educomunicação socioambiental, em 2025; e protagonistas da educação ambiental e emergência climática, em 2026, constituindo-se como um braço do projeto de pesquisa. Iniciativa que surgiu pela percepção de que o celular é uma ferramenta de comunicação na aldeia, mas nem sempre utilizado com uma perspectiva crítica e voltada para o âmbito da Educação Escolar Indígena.

Ampliando essa percepção, passamos a perceber a presença de comunicadores indígenas em diversos territórios, que levou ao projeto de pesquisa *Educomunicação*

⁷ Na interação mais global, o guia responsável apresenta um histórico da comunidade para o grupo de estudantes. Trata-se de uma interação organizada no início da atividade, após o desembarque na comunidade, com o objetivo de estabelecer uma conexão inicial entre estudantes e comunidade.

⁸ Na interação contextual, há a divisão do grupo de estudantes em microgrupos para a realização de visita, registro fotográfico (audiovisual) e entrevistas em cada casa tradicional (hati) indígena.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Socioambiental: mapeamento das produções comunicativas indígenas em Mato Grosso, em 2024. Como desdobramento, a equipe aprovou junto ao CNPq, o projeto [Educomunicação Socioambiental e Mudança Climática em Territórios Indígenas de Mato Grosso](#), o qual o Educom.Indígena será um parceiro das ações extensionistas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de concluir parcialmente o debate, podemos ponderar que as vivências relatadas no presente trabalho assinalam a necessidade cada vez maior de letramento antirracista e articulação de saberes com espaços de aprendizagem no âmbito dos cursos de Jornalismo no Brasil. Com isso, os egressos passam a assimilar o princípio da interculturalidade em suas coberturas jornalísticas, dialogadas em sala de aula e principalmente a partir da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

De modo geral, a interculturalidade, quando assumida como princípio orientador do ensino, da pesquisa e da extensão, deve apontar outros caminhos para uma formação mais antirracista e subsidiar a promoção de práticas acadêmicas mais sensíveis às realidades socioculturais dos povos indígenas e de muitos grupos considerados historicamente marginalizados. Por sua vez, permitindo não somente o deslocamento da universidade para a comunidade, mas também assegurando um maior pertencimento dos mais diversos atores no âmbito dos processos pedagógicos.

Registramos que desde 2001, a Unemat é pioneira no país na oferta de cursos diferenciados para a formação de professores em exercício nas escolas das aldeias. Em 25 anos de história, ampliou sua atuação para oferecer o primeiro curso de bacharelado em Enfermagem da América Latina e recebe demandas das lideranças indígenas para a oferta de cursos na área de Comunicação. Sem curso superior, muitos dos indígenas vinculados às ações relatadas demonstram interesse em estudar Jornalismo, Produção Audiovisual ou Cinema, embora ainda não houve uma solicitação formal.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ANTUNES, C. A construção de um etnojornalismo indígena como ferramenta de luta. In: Observatório da Imprensa. **Observatório da Imprensa**. Edição 1286. 3 de maio de 2024. <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/objetos/a-construcao-de-um-etnojornalismo-indigena-como-ferramenta-de-luta/>

BRASIL. **Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira** (Res. CNE/CES nº 7). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2018. Brasília, de 18 de dezembro de 2013.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo** (Resolução nº 21). Brasília, de 27 de setembro de 2013.

CABRAL, Raquel; Ghre, Thiago (Org.). **Guia Agenda 2030**: integrando ODS, educação e soci-idade. São Paulo: Lucas Fúrio Melara; Raquel Cabral, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso; Niterói: PPG em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

KASEKER, M. P. Apontamentos sobre o conceito de etnojornalismo. In: HRENECHEN, V. C. de A. T. **Comunicação e jornalismo**: conceitos e tendências. (Comunicação e Jornalismo: Conceitos e Tendências; v. 3). Ponta Grossa (PR): Atena Editora, p. 36-45, 2019.

PEREIRA, Antonia Alves; SILVA, Nilce Maria; RUPE, Maria Sírnia. Interação comunicativa e tecnológica de estudantes indígenas na disciplina Leitura e Produção de Texto. In: BAPTAGLIN, Leila Adriana, SILVA, Lorraine Gomes da, Luciene; RISSO, Cristina; SANTOS, Alexandre de Castro Campos; OLIVEIRA, Isaltina da Costa (orgs.). **Povos originários e comunidades tradicionais** - Trabalhos de pesquisa e extensão universitária. v. 13. Palmas/Cachoeirinha: Observatório Edições/Fi, 2024, p. 21-44.

TUBINO, Fidel. **La interculturalidad crítica como proyecto ético-político**. In: Encuentro Continental De Educadores Agustinos, 2005, Lima. Anais [...]. Lima: [s. n.], 2005. p. 24-28.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista da Faculdade de Direito de Pelotas**. Pelotas, v. 5 n. 1, 2019, p. 6-39. DOI: <https://doi.org/10.15210/rfdp.v5i1.15002>.